

ANÁLISE DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA PELA PERSPECTIVA DA PELÍCULA “O RECEPCIONISTA”

Ana Luiza Delgado Eserian¹
Glenia Arantes Maia²
William Borges de Menezes Filho³
Nathália Silva Vaz⁴
Lorena Karine Soares⁵
Aristóteles Mesquita de Lima Netto⁶

Resumo: O artigo em questão analisa Transtorno do Espectro Autista (TEA) a partir da análise da película “O Recepcionista”. Para tal, foi utilizado a fundamentação teórica amparada no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V), como contribuições dos autores Dipietro (2019), Senju (2012), Oliveira (2009), dentre outras. Na contextualização teórica explicitamos o equívoco da película na utilização da terminologia Asperger, episódio que justifica a construção do diálogo proposto. A metodologia competiu revisão de literatura a partir da análise da película. E concluímos, que a utilização de recursos audiovisuais detém ampla pertinência para suporte a sujeitos com quadro diagnóstico de TEA.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista (TEA). Diagnóstico. Recursos Audiovisuais.

INTRODUÇÃO

O autismo é definido como um transtorno complexo do desenvolvimento, do ponto de vista comportamental, com diferentes etiologias que se manifesta em graus de gravidade variados (ARIAS ET AL., 2016).

Esta definição parte da tipologia “autos” significa “próprio” e “ismo” traduz um estado ou uma orientação, isto é, uma pessoa fechada, reclusa em si, portanto é compreendido como um estado ou uma condição, que parece estar recluso em si próprio (OLIVEIRA 2009).

Essa terminologia perpassou por diversas alterações ao longo do tempo, mas a partir das novas definições pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V) atualmente é chamado de Transtorno do Espectro Autista (TEA) (APA, 2014).

O TEA é dado ao rótulo diagnóstico de uma ampla categoria de transtornos do neurodesenvolvimento. Esses tipos costumavam ser diagnosticados individualmente por diferenças e intensidade dos sintomas, bem como: transtorno autista, Síndrome de Asperger, transtorno invasivo do desenvolvimento não especificado de outra forma (PDD-NOS)

¹ Acadêmica do Curso Medicina do Centro Universitário de Mineiros - Bolsista PIBIC do projeto Estudo Bibliométrico acerca das pesquisas científicas sobre o Transtorno do Espectro Autista na última década. Analucdi@hotmail.com

² Médica Neuropediátrica.

³ Acadêmico do Curso Medicina do Centro Universitário de Mineiros – Trindade, GO.

⁴ Acadêmica do Curso Medicina do Centro Universitário de Mineiros – Trindade, GO.

⁵ Acadêmica do Curso Medicina do Centro Universitário de Mineiros – Trindade, GO.

⁶ Orientador e docente do Curso Medicina do Centro Universitário de Mineiros.

transtorno desintegrativo da infância. É sabido que se trata de uma na terminologia diagnóstica recente e, portanto, as anteriores não foram completamente eliminadas, mas ressalta-se que essa sobreposição pode potencialmente gerar equívocos (ARIAS ET AL., 2016; HERNÁNDEZ, ET AL., 2015).

As características do Transtorno do Espectro Autismo (TEA) são prejuízos persistentes na comunicação e interação social, bem como nos comportamentos que podem incluir os interesses e os padrões de atividades, sintomas que estão presentes desde a infância e limitam ou prejudicam o funcionamento diário do indivíduo. Os sintomas mais óbvios tendem a envolver comunicação e interação com outras pessoas (APA, 2014).

Vale ressaltar que as habilidades de aprendizado, pensamento e resolução de problemas podem ser afetadas. Intelectualmente, as pessoas autistas podem ser severamente desafiadoras e talentosas. Para a caracterização clínica alguns sinais podem ser apontados com maior frequência, como: uma criança que não responde ao seu nome, evita o contato visual, há limitação e aceitação no contato físico, sem expressões faciais ou expressões faciais incomuns, repetir palavras ou frases, realizando movimentos repetitivos (stimming), dificuldade de adaptação à mudança ou crises emocionais, hipersensibilidade ao som, cheiro, paladar, visão ou toque e dificuldade em formar relacionamentos, bem como em diferentes intensidades e individualidade (OPPENHEIM et al., 2009).

Apesar da nova denominação o histórico e a importância da Síndrome de Asperger é fundamental nesse cenário. Em 1943 Léo Kanner e Hans Asperger foram os primeiros médicos a estudar as crianças que anteriormente eram rotuladas de retardadas, com problemas sociais e emocionais (AMORIM & ASSUNÇÃO, 2012).

Asperger centrava seus estudos em uma forma mais branda do distúrbio, o que chamou de Síndrome de Asperger (SA), ela está relacionada com o autismo, porém tem uma especificação própria. Somente em 1981 seus trabalhos obtiveram notoriedade a partir da publicação de sua tese Lorna Wing traduziu sua tese e a publicou na revista “Psychological Medicine” sob o título de “Asperger’s Syndrom: a Clinical Account”. Logo a Síndrome de Asperger refere-se a um tipo de Autismo de alto funcionamento, ou seja, as crianças possuem alguns problemas na área social, mas não possuem nenhum atraso ou retardo global do desenvolvimento cognitivo da linguagem (PERPRAZIO, 2009; HERNÁNDEZ, ET AL., 2015).

Essa inabilidade do convívio social no paciente com TEA pode ser explicada a partir do entendimento da Teoria da Mente (ToM). Trata-se da capacidade cognitiva que o

indivíduo tem de conseguir discernir o estado mental do outro, através de suas emoções ou até mesmo pensamentos, mas que no indivíduo com TEA encontra-se limitada (SENJU, A. 2012).

Há uma alteração nas suas ações e no seu comportamento, principalmente pela dificuldade em inferir estados mentais a terceiros. Foi então que a partir da ótica do paciente com autismo, BARON&COHEN S. em 1995 criou o conceito de “cegueira mental”, ou seja, a incapacidade em desenvolver diálogo e demonstrar suas emoções (TONELLI, H. 2011; SENJU, A. 2012).

Logo uma das abordagens terapêuticas importantes no TEA e o cuidado com as interações, para tanto o campo tecnológico, principalmente a robótica, tornou-se uma ferramenta para o desenvolver da comunicação e aprendizado, pois combina imagens, fala, e animação de maneiras interativas (DIPIETRO, 2019).

Por meio de computadores os indivíduos assumem o controle da aprendizagem e através do processo de “repetição agradável” e desafios progressivos, haja visto que essa afinidade à tecnologia é uma característica presente em grande parte das pessoas com TEA. (DIPIETRO, 2019).

A caracterização da apresentação clínica do TEA foi abordada na película, “o recepcionista” sob o protagonista, “Bart”, de 23 anos, com Síndrome de Asperger. “Bart”, recepcionista de um hotel, instala e vigia as câmeras dos quartos. Com o objetivo inicial de repetir as falas dos hóspedes, treina a fala e comunicação com as pessoas, através mecanismo de imitar frase e diálogos, tendo em vista a limitação ao convívio social, que se estende também ao âmbito familiar, com mãe.

É explícito a dificuldade do protagonista em responder perguntas subjetivas, apresentando maior entendimento no sentido literal das situações e falas. Ainda a narrativa apresenta uma problemática central, onde “Bart” presencia uma cena de homicídio, não conseguindo reagir à situação do crime (nem ligar para polícia), teve em alguns momentos dificuldade em receber comandos.

Apesar dessa limitação relatos de outros personagens, o caracterizava como muito inteligente e competente em sua função diante de sua condição. Em vários momentos é visto o comportamento estereotipado, dificuldade de se relacionar, vistos pela incapacidade do contato físico por exemplo. Manifestações e expressões de sentimentos de forma diferente, consegue responder as pessoas somente de forma literal, de acordo com o que vê, de acordo com a realidade que ele visualiza.

Ao desenrolar o protagonista passa ao suspeito principal do homicídio e acaba sendo

transferido pelo seu chefe para outra unidade do hotel em outra cidade. Nessa filial, Bart conhece e se interessa por Andrea, uma hóspede, e coincidentemente a amante do verdadeiro ator do crime. O protagonista, inicialmente não consegue interagir, se comunicar e responder às perguntas subjetivas que a personagem faz a ele.

Mas como ele havia colocado uma câmera em sua gravata, conseguiu filmar o momento em que ele a encontra pela primeira vez no hotel, no momento em que assiste à gravação, o mesmo conseguiu se “soltar”, esse momento é muito significativo pois através da tecnologia ele consegue pelas mídias rever o momento, repetir e se conectar com a cena, demonstrando seus sentimentos e conseguindo responder às questões subjetivas, ficando claro a utilização do meio tecnológico como ferramenta essencial na sua comunicação.

É notório também a curiosidade aguçada em conhecimentos científicos, e até os utiliza como forma de comunicação, como por exemplo quando ele se refere como um “Deus do amor” através de uma explicação científica para a personagem na qual ele se interessou, como forma de expressão de seu sentimento. Em um trecho do filme, presencia-se que o protagonista possui a noção sobre o que as outras pessoas pensam dele.

Como ele consegue formar um relacionamento interpessoal com a personagem Andrea, por ter se interessado por ela, demonstra que só foi possível o contato (pele a pele), pois ele realmente confiou nela e sentiu atração, se comunicando de forma diferente através de algumas ações para chegar à sua real comunicação, como por exemplo através de pistas.

O desenrolar da trama, permite o desenvolver de “Bart” em camadas e deixa claro que dentro do TEA, a uma importante correlação entre o contato com a informação e necessidade de assimilá-la em vários momentos distintos, sob ângulos e perspectivas que permitam uma conexão gradual com o meio e com as pessoas envolvidas.

METODOLOGIA

A partir de uma revisão de literatura a cerca dos principais caracteres do Transtorno do Espectro Autista, em paralelo a análise, dos eixos abordados na película “O recepcionista”, tem como objetivo discutir o diagnóstico e diferenciação da TEA com Síndrome de Asperger, bem como a apresentação clínica, terapêutica e desafios cotidianos a partir da ótica apresentada no filme.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O preconceito frente as necessidades especiais perpassam a construção social da humanidade, e mesmo estando em plena segunda década do século XXI se faz notório tanto os tabus quanto as imposições as normatizações imperadas pelos ideais desejados. Neste contexto a obra épica, O Recepcionista (2020) explicita dois eixos temáticos que competem o panorama de assuntos em alta, devido a diversos fatores já apontados no artigo em questão: autismo e tecnologias.

É pertinente observar dentro das limitações cognitivas no TEA a incapacidade na interação e comunicação, como observado na interpretação do personagem “Bart”, evidenciada principalmente pela impossibilidade de interagir com sentimentos próprios e de terceiros às questões mais subjetivas e reflexivas, permitindo uma interação de forma rápida e responsiva.

TONELLI, H. (2011) e SENJU, A. (2012) trazem duas construções teóricas que elucidam o comportamento apontado na película, a Teoria da Mente implícita (ToMi) onde há uma habilidade automática propriamente dita, de inferência de estados mentais, que permite um processamento rápido das informações oriundas do ambiente social e a Teoria da Mente explícita (ToMe) que refere-se a capacidade do indivíduo de aprender as regras do jogo social, de forma a otimizar o convívio com outros seres humanos.

As duas perspectivas são inerentes a condição de normalidade, ToMi e ToMe, que parecem permitir o recrutamento neuronal de circuitos distintos e, do ponto de vista da eficiência, a ToMe é mais lenta, não permitindo um processamento online da informação social como visto pelos autores acima.

Dentro dessa vertente TEA BARON-COHEN, LESLIE E FRITH (1986) já comparavam a capacidade interpretativa de crianças com padrões de normalidade cognitiva, crianças portadoras de Síndrome de Down e de crianças autistas, de vinhetas ilustrando situações que exigiam integridade de habilidades ToM e vinhetas que não as exigiam, na tentativa de elucidar essas possíveis diferenças.

Cabe salientar que vários dos apontamentos acima descritos, hoje são melhores elucidadas em relação dentro do universo do TEA, como visto nas características demonstradas por “Bart” suas limitações se restringiam a algumas etapas da cognição e das relações sociais, mas não comprometia suas habilidades cognitivas e aprendizado em sua totalidade, ao contrário o domínio tecnológico fica evidente durante toda a trama apresentada, bem como sua perspicácia ao reconhecer os padrões de caráter, apresentados por alguns

personagens a sua volta, que apesar da delonga no reconhecer denota sua capacidade de discernimento e racionalidade.

A exemplo TONELLI, H. (2011) relata que após muitos estudos investigando os déficits relacionados a ToM de autistas, sabe-se que nem todos os indivíduos portadores do transtorno falham na interpretação de testes que exigem mentalização, mas também que a maioria deles apresenta um atraso no desenvolvimento de habilidades ToM em relação a crianças normais. Dentro do viés da ToM a razão para este atraso pode ser explicada pelo prejuízo na configuração da ToMi, fazendo com que crianças autistas tenham de contar apenas com suas capacidades ToMe, as quais exigiriam mais tempo para seu completo desenvolvimento, uma vez que exigem aprendizado.

Nesse ponto da discussão é relevante considerar que o atraso no desenvolvimento pode estar correlacionado a outras situações, como o negacionismo ainda presente no recebimento do diagnóstico dado a família e também a morosidade do mesmo, que inviabiliza as metodologias intervencionistas no aprendizado e no manejo das relações sociais. Como observado na película nos métodos tecnológicos foi a ponte encontrada por “Bart” para o desenvolver de um cotidiano de independência física e mental.

DIPIETRO (2019) expõe que há uma afinidade natural em relação a tecnologia portadores do transtorno do espectro do autismo e aponta como principal fator a possibilidade de uma rotina bem estruturada, repetitiva e previsível pelos meios tecnológicos.

Para o autor supracitado as habilidades conceituais são ensinadas através de jogos que usam tecnologia, como jogos sérios, gamificação e e-learning e traz o termo “aprendizagem eletrônica” originaria da abreviatura e-learning, que envolve o ensino e aprendizagem online por meios tecnológicos como a internet, a fim de modificar a assimilação das informações e principalmente otimizar o aprendizado.

Logo as tecnologias representam a realidade, toda e qualquer ação em que o sujeito esteja inserido decorre impacto de algum meio/recurso tecnológico. O segundo fator compete o autismo, que por preciosidade das últimas décadas está numa ascendente exponencial, e de acordo com os últimos dados. As pesquisas recentes, como a da SHINSHU UNIVERSITY SCHOOL OF MEDICINE (2020) que apresentou que em Okaya (Japão) decorreu 1 caso de autista para cada 32 crianças na faixa de 6 a 12 anos, tendo uma prevalência de 3,1%. E acrescido a este estudo, o estudo do CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION (2020), explicitou que nos Estados Unidos o índice é de 1 caso de autista para 54 pessoas.

Na película elucidada as duas questões apontadas e se relacionam, onde o jovem adulto que detém quadro de autismo de alta performance utiliza-se de tecnologias avançadas como ferramenta no enfrentamento às suas limitações. Bart, numa exímia atuação do ator Tye Sheridan, possui quadro acentuado no que se refere a comunicação deliberativa, e por meio das gravações imita a verbalização de outras pessoas. Logo, o contexto do filme evidencia a potencialidade que recursos audiovisuais detém para a melhoria no contato social quanto para construção linguística de indivíduos diagnosticados com autismo.

Ainda no tocante da inserção do TEA na sociedade, cabe destacar a pertinência em desmistificar certos credos e mitos, quanto também esclarecer sobre respeito aos espaços de sujeitos com quadro deste diagnóstico. Pois, em diversas passagens da película observamos as expressões corporais como movimento de interação com o meio ao qual o sujeito está inserido, neste cenário é pertinente destacar a relevância da singularidade de cada paciente e seus mecanismos de adaptabilidade.

Dentro dessa visão CAVACO (2014) faz uma abordagem a cerca da particularidade e individualização no diagnóstico e tratamento das crianças típicas com TEA, aliado ao âmbito do ritmo de aprendizagem, reforça ainda que mesmo diante das iniciativas das campanhas, uma parte da população ainda desconhece as características no neurodesenvolvimento atípico do autismo, causando estranhamento e até mesmo indiferença da sociedade.

Essas reações sociais limítrofes ao preconceito, ocorrem muitas vezes devido à falta de informação, resultando em desconhecimento do transtorno e a inabilidade para lidar com indivíduos com TEA pela população geral e até mesmo dentro das comunidades específicas, como, a médica e escolar, retardando o desenvolvimento cognitivo que poderia ser alcançado de forma mais precoce, completa e integrativa, aliando inclusive o uso de mídias quando acessível, pois como demonstrado no contexto do filme esse método pode ser considerado uma forma facilitadora das relações interpessoais a serem desenvolvidas.

Por fim PEIXOTO & FERREIRA (2019) discutem dentro do aspecto educacional a relevância de garantir a criança com autismo acesso à educação formal e receber o apoio especializado na sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE), haja visto que há uma percepção profunda de que professores tem dificuldades de inserir um aluno autista em sala de aula, tendo em vista o despreparo desde o nível básico escolar de alunos com autismo, tornando-se a cada nível escolar um processo mais complexo.

Essa complexidade perpassa as limitações do TEA, pois não obstante da realidade brasileira os professores também carecem de formações complementares para que possam

realizar a inclusão destes. Logo fica evidente a magnitude da problemática e a necessidade de mecanismos úteis e válidos no processo do próprio desenvolvimento, com o objetivo de propagar a inclusão da criança com TEA, bem como garantir o desenvolver de uma vida estudantil com qualidade e futuramente a aquisição de sua independência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do presente artigo se fez possível dialogar na vertente do TEA como quadro de demanda real e gritante de compreensão quanto aprofundamento a ser debatido. Assim, concluímos que mesmo após conscientização da Sociedade Internacional de Medicina, foi possível visualizar desinformações em meios de propagação de informação, o qual a película representa, visto que ao abordar conceitualmente o diagnóstico de Asperger, este episódio imprimiu retrocesso frente ao movimento de integração e intervenção multiprofissional.

Logo, a película explicita a pertinência que os recursos audiovisuais representam no tocante de mecanismos para suporte e acompanhamento em quadros de TEA. Obstante, na película o personagem Tye detém condições de acesso aos recursos tecnológicos, além de possuir habilidades instrumentais para as operacionalizar.

Contudo, o recorte que acreditamos ser pertinente está no quanto tecnologias são e podem revolucionar o cenário eminente de indivíduos que detém diagnóstico de TEA, neste âmbito como contribuição enfatizamos a necessidade de incentivo público e privado dos órgãos e instituições no suporte e possibilidade tanto do sujeito com quadro do diagnóstico em questão como seus familiares para apoio e auxílio na aquisição e domínio dos instrumentais tecnológicos.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRY ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais-DSM-V**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

AMORIM, L.C.D.; ASSUNÇÃO JR, F. B., **O conceito de morte e a Síndrome de Asperger**. Rev. Estudos de Psicologia, Ano XXIX - n. 3, p. 363-370, Campinas, Jul. /Set. 2012

ARIAS, C. C. A.; HERNÁNDEZ, L. A. M.; HERNÁNDEZ, G. A. M. **TRASTORNOS DEL ESPECTRO AUTISTA**; REVISTA MEDICA DE COSTA RICA Y CENTROAMERICA LXXIII (621) 773 - 779, 2016.

BARON-COHEN, S. **An essay on autism and theory of mind**. Mindblindness. 1995.

CAMBRIDGE, M. A. The MIT Press. SENJU, A. **Teoria Espontânea da Mente e Sua**

Ausência em Transtornos do Espectro do Autismo. The Neuroscientist. 2012; 18(2): 108-113. doi: 10.1177/1073858410397208

CAVACO, N. **Minha criança é diferente?** Um Manual de Ajuda para Pais e Professores. 1. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

DIPIETRO, J. *et al.* **Computer- and Robot-Assisted Therapies to Aid Social and Intellectual Functioning of Children with Autism Spectrum Disorder.** Medicina (Kaunas). 2019;55(8):440. Publicado em 5 ago 2019. doi:10.3390/medicina55080440 Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31387274/>

GADIA, C. **Aprendizagem e autismo: transtornos da aprendizagem:** abordagem neuropsicológica e multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2006.

HERNÁNDEZ, O.; RISQUET, D.; LEÓN, M. **Síndrome de Asperger o buena evolución de un autismo infantil.** Medicent Electrón. 2015 oct.- dic.;19(4).

JESSYCA BRENNAND DE PAULA¹ MÔNICA FERREIRA PEIXOTO². A inclusão do aluno com autismo na educação infantil: Desafios e Possibilidades. **Cadernos da Pedagogia**, v. 13, n. 26, p. 31-45, Out/Dez 2019.

OLIVEIRA, A.; BOUCELA M. C. **Perturbação do espectro de autismo:** a comunicação. Porto: ed. Porto, 2009.

OPPENHEIM, D. *et al.* **Maternal insightfulness and resolution of the diagnoses are associated with secure attachment in preschoolers with autism spectrum disorders.** Child Development, v. 80, n.02, 2009.

TONELLI, H. **Autismo, Teoria da Mente e o Papel da Cegueira Mental na Compreensão de Transtornos Psiquiátricos.** Psicologia: Reflexão e Crítica, 2011, 24(1), 126-134.

VALENCIA, K. *et al.* **The Impact of Technology on People with Autism Spectrum Disorder: A Systematic Literature Review.** Sensors (Basel). 2019;19(20):4485. Publicado em 16 out 2019. doi:10.3390/s19204485 Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31623200/>